

GEOGRAFIA CULTURAL: A INFLUÊNCIA DA PAISAGEM E DO ESPAÇO GEOGRÁFICO NA CRIAÇÃO DA BOSSA NOVA

BENEVIDES, Fabrício Prado ¹

RU 2221554

DIAS, Mariana Andreotti ²

RESUMO

A análise da influência do Espaço Geográfico e da Paisagem como inspiração aos compositores que criaram a Bossa Nova no Rio de Janeiro, na década de 1950, possibilitou o presente trabalho, que foi motivado pela intenção de produzir um estudo técnico que relacionasse alguns dos conceitos basilares da Ciência Geográfica com as composições musicais. Objetivou-se, dessa forma, evidenciar o registro do cotidiano através das artes, elencar alguns aspectos geológicos, geomorfológicos e climáticos da cidade, e mais especificamente, objetivou-se colher elementos que vinculassem a beleza cênica da cidade à percepção dos artistas em suas criações, tendo como panorama, a zona sul da cidade. Para tanto, uma pesquisa bibliográfica foi realizada para a obtenção de dados relacionados aos artistas e aos fatos históricos, bem como para a análise dos conceitos da Geografia. Pôde-se concluir que, além dos importantes aspectos da Geografia Física, um elemento fundamental para o presente trabalho diz respeito à Geografia Cultural. A finalidade foi traçar a relação da forma de vida dos habitantes daquele recorte temporal e geográfico com a criação de seus registros artísticos de acordo com suas percepções.

Palavras-chave: Composições musicais; Paisagem; Espaço Geográfico; Bossa Nova; Rio de Janeiro.

1 INTRODUÇÃO

A relação entre dois dos conceitos balizadores da Ciência Geográfica, a Paisagem e o Espaço Geográfico, com a Geografia Cultural e, mais especificamente, com a expressão cultural, fornece, através da música, das letras e poesias escritas pelos autores e autoras no Rio de Janeiro na década de 1950, uma análise do comportamento social local nesse recorte temporal, em conjunto com as marcantes características geográficas da cidade. A influência e a inspiração diretamente exercidas pela Paisagem e pelo Espaço Geográfico nos agentes

¹ Aluno do Centro Universitário Internacional UNINTER. Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Geografia 02 - 20.

² Professor Orientador no Centro Universitário Internacional UNINTER

envolvidos, nortearam a escolha desse tema, visando a compreensão e o entendimento da temporalidade das relações sociais com os aspectos culturais em relação aos aspectos geográficos.

No item 2.1, será apresentado um panorama de como os registros históricos que eram usados como descrição de situações rotineiras, acabaram por levar a humanidade a retratar e a registrar situações cotidianas de forma artística. Em seguida, no item 2.2, serão abordados alguns aspectos sociais, apresentando um olhar mais direcionado ao início da dualidade social na cidade e em especial, à vida de três personagens que foram de fundamental importância para o nascimento da Bossa Nova: Antônio Carlos Jobim, Vinícius de Moraes e João Gilberto. Outro ponto abordado é a relação entre a Geografia Cultural e as artes, em especial no aspecto da percepção individual. Será apresentado no item 2.3, um panorama da concepção geológica e geomorfológica da cidade do Rio de Janeiro, bem como os aspectos gerais da meteorologia e uma breve análise do bioma da Mata Atlântica, onde está inserida a cidade.

Todavia, o principal problema motivador da pesquisa foi relacionar o porquê de a composição musical ter, em seu nascedouro, paisagens, relações sociais e aspectos meteorológicos que diretamente influenciaram o nascimento de todo um movimento musical, que resultou na criação de um estilo musical próprio. Em uma análise livre, poderíamos traçar alguma relação, ou mesmo associar a criação do Tango com, dentre outros aspectos, a paisagem fronteiriça entre a Argentina e o Uruguai. O aspecto geográfico também seria passível de ser relacionado com as praias caribenhas e o estilo de vida de seus habitantes na inspiração das criações da Rumba, do Merengue ou do Bolero, ou até mesmo os Maciços Alpinos na Áustria servindo de fundo às composições eruditas de W.A. Mozart¹ e dos compositores eruditos daquela região da Europa. Para isso, entretanto, deve-se levar em consideração, além dos elementos geográficos, também os aspectos sociais e temporais na criação de cada um desses estilos musicais. O objeto de estudo do presente trabalho se consolidou ao traçar essa mesma relação, porém de forma mais aprofundada, do município do Rio de Janeiro como sendo o berço de criação da Bossa Nova, principal estilo musical do Brasil nas décadas de 1950 e 1960, com suas narrativas românticas do local e com a descrição do cotidiano dos jovens da

¹ Wolfgang Amadeus Mozart (1756 – 1791) - Compositor austríaco

zona sul da cidade. Por fim, a metodologia utilizada será detalhada no item 3, com as considerações finais sendo tratadas no item 4.

2 PAISAGEM E ESPAÇO GEOGRÁFICO DO RIO DE JANEIRO NAS DÉCADAS DE 1950 E 1960 COMO INSPIRAÇÃO PARA A CRIAÇÃO DA BOSSA NOVA

2.1 Registros artísticos históricos

Sempre houve uma relação direta entre a sobrevivência dos seres humanos com o meio onde habitam e, mesmo antes da formulação e do entendimento de diversos conceitos que viriam a se tornar balizadores para a ciência geográfica, a observação do meio sempre esteve presente, como se fora parte inerente dos seres humanos, possivelmente, parte de seus instintos. Os registros dessas observações datam de milhares de anos e foram realizados de diversas maneiras. Algumas pinturas rupestres, como as que podem ser observadas nas grutas de Lascaux, na região da Dordonha, no sudoeste da França, relatam a interação entre as sociedades e seu meio. Tais registros nos revelam uma amostra de como ocorria ao menos parte da interação entre as sociedades e a natureza, além de demonstrarem também, a importância dada por aqueles indivíduos para que suas ações fossem perpetuadas de alguma forma. Havia ali informações importantes que seriam usadas por seus descendentes. Ao realizar esse tipo de registro, as situações naturais serviam de inspiração e não apenas os fatos e as situações cotidianas eram gravados para a posteridade, mas as sociedades da época também nos apresentavam as primeiras obras de arte da humanidade. Nascia ali também, uma forma de representar o cotidiano e de retratar a realidade daquele Espaço Geográfico através de expressões artísticas. Portanto, fica evidente que as noções de Espaço Geográfico e Paisagem, conceitos que foram estudados e que sofreram diversas adaptações e alterações ao longo do tempo, acompanham a humanidade desde o início de sua existência. Entretanto, os aprimoramentos de tais conceitos nos levaram a compreender, em sua totalidade, a intrínseca relação entre os elementos humanos e naturais.

“A cultura é outro elemento que possui extrema relevância na representatividade artística ao redor do globo e seria uma resposta dos grupos humanos a determinadas necessidades específicas do meio físico da qual fazem parte” (NETO e MALANSKI, 2016, p. 76).

Dessa forma, observa-se que há uma adaptação cultural ao meio que visa facilitar a interação e a própria sobrevivência das sociedades em sua relação com a natureza. A arte passa a ser então, uma representação detalhada de diversas formas de vida e de interação com o meio. Inspirações estimuladas pela natureza estão presentes nas mais diversas vertentes artísticas e nos mais variados países, alguns com inúmeras formas de cultura dentro de um único território. A cultura passa a ser, assim, o próximo elemento de análise, uma vez que essa age de modo direto sobre o meio natural resultando na Paisagem Cultural.

A Paisagem Cultural está, por sua vez, diretamente relacionada ao código cultural. A forma como ocorre a manifestação de um determinado código cultural em uma paisagem pode ser demonstrada, por exemplo, através dos quadros, esculturas, modelos de vestimentas e, sobretudo, através dos desenhos arquitetônicos que envolvem algumas construções, sejam elas urbanas ou rurais. No exemplo da arquitetura, alguns dos projetos, desenhos e construções, desde a determinação de quais materiais seriam utilizados nas edificações, até nas maneiras de interação e adaptação das plantas arquitetônicas com as condições climáticas do local, ocorreram de forma pensada e estudada em criações próprias ou inspiradas em outros locais, enquanto outros surgiram de forma improvisada e, sob uma outra ótica, inadequada na tentativa de suprir uma iminente necessidade. Nota-se que a interpretação da paisagem também pode ser entendida traçando-se uma estreita relação com a criação. Situações calcadas nos imaginários foram ponto de partida para a criação de algumas obras, bem como a observação de situações cotidianas também tiveram influência em outras. Alguns exemplos podem ser observados principalmente nas áreas da arquitetura e das artes. Outro aspecto relevante é o fator de percepção de cada indivíduo. Um dos espaços do sistema simbólico onde está inserido o homem, é justamente o espaço Perceptual (Ernst Cassirer 1874-1945¹), onde se busca compreender esse constante processo de transformação que acomete as sociedades e os espaços geográficos onde habitam. As alterações à que são submetidos as sociedades e o ecossistema, em geral culminam em processos de transformação contínua.

De acordo com Silva (2009 p. 52 e p.56):

¹ Filósofo polonês, autor de "A Filosofia das formas simbólicas".

Com a introdução de novos problemas e temas de pesquisa no contexto da renovação da Geografia Cultural, a discussão sobre a cultura, que antes estava muito atrelada a sua noção material, passou a ser repensada, e foram introduzidas questões imateriais para esclarecer a relação das pessoas com o espaço. Essas reflexões contribuíram para a releitura do espaço como algo heterogêneo e em sua natureza qualitativa, composta por diferentes elementos objetivos e subjetivos. Ao se incorporarem as questões subjetivas, o foco recai sobre o indivíduo e sua relação íntima com o espaço geográfico que o cerca. Na Geografia há discussão das relações emocionais das pessoas com os lugares, buscando-se focar suas experiências por meio de suas narrativas em uma institucionalização e construção simbólica do mundo cultural.

Vê-se que a cultura, portanto, esteve, está e estará em constante transformação. Ainda segundo Silva, (2019, p. 54) “as mudanças nos modos de vida das pessoas, em especial de acordo com determinadas lógicas econômicas, impactaram significativamente as práticas culturais, cujo processo é sentido até hoje”. A esse respeito, percebe-se a paisagem transtemporal como um elemento que integra o cotidiano das sociedades.

Dessa maneira, sentidos são despertados quando nos deparamos com uma paisagem, que pode ser entendida e analisada como uma experiência. Exalta-se então, a sensibilidade dos artistas que, ao se depararem com belezas naturais ou fenômenos climáticos, conseguem expressar e registrar seu cotidiano e, sobretudo, suas percepções e sentimentos para a eternidade através de poesias, letras, canções ou pinturas.

Os estudos do conceito de Paisagem são direcionados ao ponto onde se encontram as relações dos seres humanos com a natureza e a conclusão é que a paisagem não é apenas aquilo que pode ser visto, mas também o que pode ser experimentado, fazendo uso da percepção através dos sentidos como tato, olfato, audição e paladar. De acordo com Rolnik (1988 *apud* GARBOSSA e SILVA, 2016, p.54):

Fruto da imaginação e do trabalho articulado de muitos homens e mulheres, a cidade nasce de uma nova relação desses indivíduos com a natureza. O ser humano estabelece o seu domínio permanente sobre o espaço mediante o controle ritual e material do território, o que exige organização da vida social, gestão da produção coletiva, aglomeração humana e centralização do poder político. As cidades – sejam as antigas, sejam as grandes metrópoles atuais – funcionam como um ímã, que, por meio de suas edificações e torres, atraem diferentes grupos de seres humanos para as mais diversas atividades.

Portanto, ao se tomar como exemplo a paisagem da cidade do Rio de Janeiro no final da década de 1940 e início da década de 1950, pode-se observar esse conjunto em atuação. Devido ao processo de urbanização e, aliando-se ao fato de que se tratava da capital do país naquele momento, o Rio de Janeiro era palco de um crescimento populacional que ocorria como resultado, principalmente, das migrações internas, situação que levava os artistas dos mais distantes rincões do país, especialmente àqueles ligados ao meio musical, a tentar a sorte nos domínios da cidade.

2.2 O início da dualidade social no Rio de Janeiro

As construções da orla marítima, que havia começado a tomar a forma como a conhecemos nos dias de hoje, estavam em franca expansão, com projetos de vários edifícios sendo assinados por renomados arquitetos. Em contrapartida, ao se afastar alguns poucos quilômetros, ou, em alguns casos, algumas centenas de metros em direção oposta à orla marítima, tem-se uma outra realidade, não tão planejada ou rebuscada, mas sim, improvisada por completo. De acordo com o Museu do Amanhã (2020),

Alguns historiadores acreditam que o Morro da Providência, situado na Região Portuária, tenha sido a primeira favela do Rio de Janeiro. Dois fatores históricos contribuíram para as primeiras ocupações na região: o fluxo migratório de ex-escravos com a abolição da escravatura em 1888 e o grande número de soldados da Guerra de Canudos que desembarcaram no Rio e não tinham moradia.

Nesse contexto, há indícios de que o Morro da Providência viria a se tornar a primeira ocupação de uma encosta na cidade, originando as ocupações irregulares. Há, nesse espaço de tempo de cinco décadas, o início do processo de construção da dualidade entre as porções mais valorizadas, localizadas em sua grande maioria na zona sul, e as ocupações irregulares que foram se estabelecendo ao longo dos anos e que ainda são parte integral da construção do espaço urbano do Rio de Janeiro nos dias de hoje.

As relações sociedade-natureza foram determinantes para que o aspecto humano da paisagem fosse sendo moldado ao longo desse período e as relações sociais contribuíram enormemente para que a ocupação das encostas também se

efetivasse. Enquanto as pessoas que faziam parte do extrato social mais rico e que, portanto, gozavam de uma posição social mais privilegiada se estabeleciam mais próximas às orlas de Copacabana ou Ipanema, onde ocorria uma ocupação mais planejada, a porção da população que não contava com tal oportunidade, acabava por se estabelecer nos morros e encostas, ocasionando uma situação de risco para seus ocupantes, porém, com o claro objetivo de estar geograficamente em relativa proximidade àquelas localidades ocupadas pelo primeiro grupo. No entanto, quando isso não era possível, as pessoas eram forçadas a um longo deslocamento para outras regiões da cidade. A rede urbana passava então a se expandir em uma dualidade entre a zona sul, área mais rica, e as outras localidades.

As relações políticas se mostraram, então, delimitadoras ou facilitadoras da manutenção ou ampliação cultural dos lugares. Essa abordagem pode ser observada em escala global ou local e partindo do ponto de análise daquela área específica da cidade do Rio de Janeiro, é possível observar a divisão social que se iniciara e que teria impacto no rol de compositores e intérpretes que iniciariam o movimento que culminaria com a criação da Bossa Nova. As primeiras reuniões desses músicos, onde acabariam sendo executadas algumas das mais célebres composições, eram realizadas em seus prédios residenciais nos bairros de Copacabana, Ipanema e Leblon, que eram três dos bairros mais nobres da capital. As primeiras apresentações também tornariam mais explícitas as divisões sociais, pois ocorriam para um público restrito, já que esse era composto por estudantes universitários do Brasil da década de 1950. Segundo Castro (1990, p. 221), “Seria a primeira vez que os meninos poderiam ouvir, em massa e na voz dos próprios autores, aquelas canções modernas que vinham penetrando na universidade”. De acordo com o IBGE (2000, p. 221), no ano de 1950, a população brasileira era estimada em 51.944.397 habitantes. A taxa de alfabetização era baixa, sendo constatado por Beltrão e Novellino (2002) que a população masculina respondia por 48% de indivíduos alfabetizados, enquanto na população feminina a taxa era de apenas 37%. Considerando então, que praticamente metade da população do país não tinha qualquer acesso à educação formal, as pessoas que tinham a possibilidade de ingressar em uma Universidade, perfaziam um percentual bem diminuto dos habitantes do país naquele momento.

Mesmo com tamanhas diferenças sociais, a arte cruzou barreiras e fronteiras e viu na música, sua “ponte social”. A arte é, pois, parte integrante da cultura, porém,

no caso da Bossa Nova, iniciou-se como “Arte Restrita”, uma vez que somente era retroalimentada pelo próprio mundo artístico e estudantil no qual fora criada. Entretanto, com o passar do tempo, com o sucesso retumbante e com a febre que tomara conta do país, tornar-se-ia “Arte Irrestrita”, ou seja, entendida por qualquer pessoa, mesmo com uma formação cultural e classe social distintas. Apesar dessa divisão social existente na cidade, as letras que seriam escritas não abordam esse tema, privilegiando os dizeres das poesias em outros aspectos daquele cotidiano.

De acordo Claval (1999^a *apud* SILVA, 2019, p. 55):

Nesse sentido, há uma concepção relacional da cultura segundo a qual o indivíduo não recebe um conjunto pronto, mas constrói suas referências culturais, que envolvem informações, códigos e sinais, onde seus conhecimentos e atitudes permitem que ele se localize no mundo. As interações, comunicações e trocas são relevantes na transmissão de conhecimentos e para a construção de uma identidade.

Silva (2019, p. 56) ainda completa que “na geografia, discutem-se temas como as paisagens culturais e as relações emocionais dos indivíduos com os lugares, buscando focar a experiência das pessoas por meio de suas narrativas”. Tem-se com isso, um indício de que as experiências vividas em conjunto com as paisagens culturais exercem enorme influência nos habitantes de um determinado lugar. Os artistas possuem uma apurada sensibilidade e conseguem se utilizar dessas experiências para elaborar suas obras, sejam elas escritas, pintadas ou musicadas.

2.3. A formação geográfica do Rio de Janeiro e sua inspiração aos artistas

A cidade do Rio de Janeiro, cenário para as principais criações, está localizada na região sudeste do Brasil, à 22°54'10” de latitude Sul e 43°12'27” de longitude Oeste, e está inserida, em sua totalidade, no bioma da Mata Atlântica, onde, de acordo com o Ministério do Meio Ambiente (2020):

Originalmente, o bioma ocupava mais de 1,3 milhões de km² em 17 estados do território brasileiro, estendendo-se por grande parte da costa do país. Porém, devido à ocupação e atividades humanas na região, hoje resta cerca de 29% de sua cobertura original. Mesmo assim, estima-se que existam na Mata Atlântica cerca de 20 mil espécies vegetais (35% das espécies existentes no Brasil, aproximadamente), incluindo diversas espécies endêmicas e ameaçadas de extinção. Essa riqueza é maior que a de alguns continentes, a exemplo da

América do Norte, que conta com 17 mil espécies vegetais e Europa, com 12,5 mil. Esse é um dos motivos que torna a Mata Atlântica prioritária para a conservação da biodiversidade mundial. Em relação à fauna, o bioma abriga, aproximadamente, 850 espécies de aves, 370 de anfíbios, 200 de répteis, 270 de mamíferos e 350 de peixes.

Portanto, além de possuir enorme biodiversidade em seus ecossistemas associados, dentre eles, os manguezais e brejos interioranos, vegetações de restinga e florestas ombrófilas, além de uma fauna extremamente diversificada com as diversas espécies de aves, répteis, mamíferos, peixes e anfíbios, as florestas ombrófilas desempenharam um papel importante na construção da paisagem da zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Nota-se que, apesar de ter perdido 71% de sua área original, ainda assim, o Parque Nacional da Tijuca, localizado no coração da cidade e onde se encontra o Morro do Corcovado com a estátua do Cristo Redentor, constitui uma das grandes áreas de florestas urbanas no mundo.

No caso específico do Rio de Janeiro, a natureza, o espaço geográfico e, mais especificamente as unidades de paisagem que foram criadas, especialmente na zona sul da cidade, se assemelham e têm uma estrutura ecológica com características geográficas bastante parecidas. Nesse aspecto, é importante considerar a diferença entre os conceitos de Paisagem e Espaço Geográfico que Milton Santos (2002, p.106) conceituou da seguinte maneira:

Paisagem é transtemporal, juntando objetos passados e presentes, uma construção transversal. O espaço é sempre um presente, uma construção horizontal, uma situação única. Durante a guerra fria, os laboratórios do Pentágono chegaram a cogitar a produção de um engenho, a bomba de nêutrons, capaz de aniquilar a vida humana em uma dada área, mas preservando todas as construções. O presidente Kennedy afinal renunciou a levar a cabo esse projeto. Senão, o que na véspera seria ainda o espaço, após a temida explosão seria apenas paisagem. Não temos melhor imagem para mostrar a diferença entre esses dois conceitos.

A paisagem pode então ser considerada como um fragmento do espaço geográfico que abriga as atividades humanas, interagindo com o meio ambiente.

Assim, percebe-se que as características da paisagem e do espaço geográfico do Rio de Janeiro entre o final da década de 1940 e início da década de 1950, tiveram influência na inspiração do novo estilo musical que estava sendo criado.

A juventude e, sobretudo, a classe artística que habitava a cidade do Rio de Janeiro durante esse período, colheram inspirações diretas das condições climáticas, da paisagem, do espaço geográfico e das relações interpessoais ali presentes para a

construção de obras musicais e poesias. Algumas tomariam forma nas poesias escritas por Vinícius de Moraes, poeta nascido no bairro do Jardim Botânico, zona sul da cidade, em 1913, que foram musicadas com as melodias e harmonias do então jovem maestro Antônio Carlos Jobim, ou simplesmente, Tom Jobim, também nascido na cidade em 1927. De acordo com as informações que constam em suas biografias nos portais Vinícius de Moraes (2020) e Instituto Antônio Carlos Jobim (2020), constata-se que Jobim e Moraes foram parceiros em inúmeras composições, com especial destaque para “Garota de Ipanema”, “Chega de saudade”, “Eu sei que vou te amar”, “Insensatez”, dentre outras. Para as criações da dupla, o piano era o instrumento mais utilizado pois, Jobim teve contato com o instrumento desde sua adolescência, sendo aluno de Hans Joachim Koellreutter¹, o que lhe proporcionou uma formação clássica erudita no instrumento. O piano, por possuir um grande alcance harmônico, era um dos principais instrumentos do meio musical, fato que o tornava presente na maioria das casas noturnas. Os músicos da época eram frequentadores desses locais e, muitos deles também eram, assim como Jobim, exímios pianistas.

Nesse período, a Rádio Nacional, com sede no centro da cidade, era o principal meio de comunicação para a música. Segundo consta nos arquivos da EBC, Empresa Brasileira de Comunicação (2020), a Rádio Nacional “...foi a principal emissora da América Latina e uma das cinco mais potentes do mundo”.

Em se tratando do principal veículo de comunicação do país, havia um grande alcance em tudo o que fosse executado na rádio e muitas das canções em seus programas eram internacionais. Segundo Castro (1990, p. 61) “em quantidade de minutos no ar, a música internacional batia os sambas, choros e baiões por quase 3 a 1”. A música brasileira carecia de novidades, algo que não se remetesse ao samba ou ao *swing* tipicamente americano. Os temas retratados nesses estilos de música refletiam uma realidade distinta daquela juventude carioca da zona sul e se fazia necessária a criação de algo novo, com o qual pudessem ter mais identidade. Um elemento importante e fundamental acabaria por se juntar à dupla Tom Jobim e Vinícius de Moraes na execução de suas obras (que até então eram classificadas como Samba Canção), o que culminaria no ingrediente que faltava para atingir a nova sonoridade que tanto se buscava: João Gilberto Prado Pereira de Oliveira, ou

¹ Hans Joachim Koellreutter (1915-2005) – compositor alemão

simplesmente, João Gilberto, que materializou no encontro das poesias de Vinícius de Moraes com as harmonias e melodias de Tom Jobim, a identificação dos jovens cariocas da época. Castro (1990 – p.199) relata que por demanda popular, “os conservatórios musicais passaram a ensinar a batida de João Gilberto”. Ao introduzir seu violão, através das inovadoras técnicas de ritmo de sua mão direita em contraponto ao ritmo de suas melodias cantadas, algo nunca antes realizado e, acima de tudo, por sua interpretação sublime, com vocalizações em contraponto ao violão utilizando-se de uma potência vocal controlada, ou seja, em um volume baixo nas linhas melódicas de tais obras, João Gilberto, violonista e cantor, nascido na cidade de Juazeiro, na Bahia, em 1931, criara algo inédito e que entraria para a história da música. De acordo com o relato de Castro (1990, p.167),

Tom Jobim percebeu em Joao Gilberto uma batida de violão como uma coisa nova. Joao cantava baixo, dando a nota exata, sem vibrato, produzia um tipo de ritmo em que cabiam todas as liberdades que quisesse tomar e com ela, poderia dar adeus ao samba quadrado, que já estava levando as pessoas a um estado de narcolepsia. Jobim anteviu de saída as possibilidades da batida, que simplificava o ritmo do samba e deixava muito espaço para as harmonias ultramodernas que ele próprio estava inventando.

Com o posterior lançamento de seu primeiro álbum de Bossa Nova, intitulado “Chega de saudade”, “Vários jovens (...) passaram noites em claro, sonhando com a tal batida do violão. A maioria jurou não descansar enquanto não conseguisse repetir o que chamavam de aquilo” (CASTRO, 1990 – p. 199).

Ele foi mais um, dentre tantos outros grandes músicos, que optou por seguir a carreira artística no grande palco do Brasil daquele momento. Dessa forma, se reuniam ali os componentes que fariam nascer um dos mais respeitados estilos musicais do mundo, a Bossa Nova, cujo principal instrumento musical representativo efetivou-se no violão, que passou a ter grande importância na identificação do estilo, não apenas por sua marcante sonoridade e timbre, mas também, em contrapartida ao piano, por sua incrível portabilidade. O violão se tornou ao mesmo tempo um instrumento harmônico, melódico e percussivo. As reuniões musicais entre os compositores e intérpretes e os novos adeptos ao estilo, passaram a ser rotativas e a ocorrer, além dos já citados apartamentos de Copacabana, também nos mais inusitados locais o que resultou na inspiração da bela paisagem da cidade como elemento essencial das canções e poesias da época, que abarcaram esse novo modo de compor, tocar e cantar. As letras representavam parte importante do cotidiano dos

jovens da zona sul do Rio de Janeiro, porém, como já citado, uma das características mais marcantes das letras e poesias da Bossa Nova é a ausência de críticas sociais ou políticas. Os artistas se sentiam confortáveis e inspirados ao relatar suas paixões pessoais, episódios românticos e suas admirações à cidade que tanto amavam, sem nenhum tipo de envolvimento com aspectos que fugiam desses temas.

Para compreender melhor esse cenário de imensa beleza, que trouxe às artes tanta inspiração, foi analisada a formação geológica natural do Rio de Janeiro, onde pôde-se constatar uma situação especial e única. Os elementos começaram a se reunir em sua formação geológica ainda no período Neoproterozóico. Constata-se na Geologia do Rio de Janeiro (Silva, 2001, p.7), que a área do atual Rio de Janeiro está localizada na entidade geotectônica da Província Mantiqueira e a Orogênese Brasileira/Pan Africana desempenhou importante papel na aglutinação desse setor geológico, ainda no Gondwana. O supercontinente incluía a maior parte das terras do que se tornou nos dias de hoje, o hemisfério sul. A grande massa de rocha que hoje é a cidade, foi uma testemunha da colagem das províncias tectônicas ao sul das margens continentais da América do Sul e da África.

Tais condições foram preponderantes na formação da beleza da cidade. O tipo de solo da região, as formações rochosas com todas as suas particularidades, a integração dessas características ao cenário ao bioma da Mata Atlântica, além da geomorfologia e do clima que ocorrem nesse ponto do planeta, transformaram essa área em uma obra de arte.

Para Milton Santos (2002, p.67):

Nesse sentido a paisagem é transtemporal, juntando objetos passados e presentes, uma construção transversal. O espaço é sempre um presente, uma construção horizontal, uma situação única. Cada paisagem se caracteriza por uma dada distribuição de formas-objetos, providas de um conteúdo técnico específico.

Considerando esses aspectos, a paisagem se caracteriza por uma distribuição de formas e objetos, enquanto o espaço resulta da intrusão da sociedade nessas formas e objetos. O autor ainda conclui que a criação da paisagem se dá em momentos históricos diferentes e busca uma resposta às necessidades atuais, portanto coexistindo com o momento atual (SANTOS, 2002). Os aspectos geológicos do Rio de Janeiro têm imensa relevância ao se abordar a particular beleza da cidade

e, mais especificamente, a beleza de sua orla em conjunto com suas matas e montanhas que se deveu às formações geológicas e geográficas ao longo de milhares de anos, em conjunto com a ação contínua dos seres humanos e suas técnicas. Presenciar essa beleza é o mesmo sentimento caracterizado ao se observar um belo quadro ou uma bela fotografia. A diferença está na dinâmica, pois o cenário da cidade acontece a cada segundo. As sensações, os ruídos, os odores, os sabores, enfim, a totalidade desse cenário inserido no dia a dia, resultou em obras de arte escritas e musicadas que mudaram a relação do Brasil com a música. Não apenas o cenário, mas o clima atraente também desempenhou um papel relevante na composição da beleza da cidade. A região sudeste, onde se está localizada a cidade do Rio de Janeiro, está situada entre os paralelos 14° e 25° Sul, portanto, predominantemente na zona tropical, que sofre grande influência da maritimidade.

Seu principal centro de ação é a ZCAS (Zona de convergência do Atlântico Sul) e o transporte de umidade ocorre por meio da mTa (Massa tropical atlântica) e as altas temperaturas que ocorrem em toda a região durante os meses de verão são influenciadas pela ação dos alísios de sudeste (ZAVATTINI, 2004 e GOULART, 2008 p. 182).

“De uma maneira geral, a cidade apresenta uma temperatura média anual que atinge os valores máximos encontrados no Estado, com médias superiores a 26°C” (BASTOS e NAPOLEÃO, 2011, p.36).

Durante a maior parte do ano, a cidade é contemplada com dias ensolarados, com céu azul e sensação térmica de muito calor e esse mágico conjunto de fatores, com as formações geológicas e geomorfológicas, os morros de Gnaisse, dentre eles o Morro do Corcovado e o Maciço do Pão de Açúcar, as tonalidades verdes da Mata Atlântica, a tonalidade verde-esmeralda do mar, o sol, o calor e o lindo entardecer diário em conjunto com a ânsia de novidade e criação impostas pelo elemento da juventude, encontraram a criatividade e a genialidade de alguns indivíduos, causando a situação perfeita no encontro desses elementos, que foram então determinantes na criação do novo estilo musical.

O mar, em conjunto com os componentes paisagísticos da cidade, também começara a se consolidar como grande influência aos compositores musicais. Roberto Menescal, compositor nascido em Vitória, Espírito Santo, em 1937 e um dos maiores compositores brasileiros até os dias de hoje, foi mais uma das pessoas

ligadas às artes que acabaram sendo fisgadas pela beleza da cidade, e para lá imigrou.

O mar passou a ser sua maior inspiração, o que lhe rendeu canções do gênero sol/sal/sul, em referência ao sol da praia, ao sal do mar e à zona sul do Rio de Janeiro. Em seu encontro com Ronaldo Bôscoli, outro prodígio da época, o mar se abria à frente de Menescal para compor, “Nós e o mar”, “Rio”, “Ah, se eu pudesse”, “Mar, amar”, “A morte de um Deus de sal”, além da imortal “O barquinho”. (CASTRO, 1990, p. 273).

A visão das montanhas da cidade, a leve brisa de fim de tarde, o sol reluzindo no mar e as amenas temperaturas convidam a um passeio pela orla ao entardecer. Roberto Menescal e Ronaldo Bôscoli¹, tiveram clara inspiração nesses fatores ao serem capazes de traduzir seus sentimentos e suas observações de forma extremamente poética e singular, criando uma das mais famosas obras da Bossa Nova na canção intitulada “O barquinho”:

O barquinho

Dia de luz festa de sol
E um barquinho a deslizar
No macio azul do mar
Tudo é verão e o amor se faz
Num barquinho pelo mar
Que desliza sem parar
Sem intenção, nossa canção
Vai saindo desse mar
E o sol
Beija o barco e luz
Dias tão azuis
Volta do mar desmaia o sol
E o barquinho a deslizar
E a vontade de cantar
Céu tão azul ilhas do sul
E o barquinho, coração
Deslizando na canção
Tudo isso é paz tudo isso traz
Uma calma de verão e então
O barquinho vai

¹ Ronaldo Bôscoli (1928-1994): compositor, produtor musical e jornalista.

A tardinha cai
O barquinho vai
A tardinha cai. (MENESCAL; BÔSCOLI, 1960)

Em um dos, dentre muitos, exemplos de inspirações exercidas pelo cenário carioca da época, também podemos observar os relatos do compositor Billy Blanco, nascido na cidade de Belém, estado do Pará em 1924, que também adotou a cidade do Rio de Janeiro e que também se encantou com tamanha beleza. Segundo Castro (1991, p 97):

Em sua criação “Sinfonia do Rio de Janeiro” disse que sua inspiração nasceu a bordo de uma lotação, no verão de 1954, quando ele ia da Praça Mauá para a sua casa, em Ipanema. O ônibus fez a curva na av. Princesa Isabel e, quando tomou a av. Atlântica, a montanha, o sol e o mar de Copacabana se abriram de repente à sua frente, em cinemascope. Como se Billy não passasse por ali há anos, todos os dias, o espetáculo que viu pela janela caiu-lhe como uma revelação divina e uma frase musical, com letra e tudo, iluminou-lhe a testa: “Rio de Janeiro, que eu sempre hei de amar / Rio de Janeiro, a montanha, o sol, o mar”, assim a nascia a belíssima “Sinfonia do Rio de Janeiro”.

Já para o maestro Tom Jobim, que de acordo com o ECAD (2020) se tornou um dos compositores brasileiros mais executados na história da música, o cenário do Rio de Janeiro sempre foi primordial em grande parte de suas obras. Seus relatos incluem desde a beleza mais pura e simples, ao relato da saudade por estar longe, não se abstendo de registrar até mesmo a ocorrência e descrição de fenômenos naturais, como nas inundações causadas pelas chuvas de verão.

A canção “Águas de março”, de sua autoria, retrata o cotidiano de alagamentos e enchentes que ocorriam nos finais das tardes dos meses de verão, coincidindo com a temporada de chuvas na cidade. A letra retrata o que pôde ser visto pelo autor: “É pau, é pedra, é o fim do caminho... É o vento ventando, é o fim da ladeira...” e onde ele finaliza com a celebre frase: “São as águas de março fechando o verão, é a promessa de vida no teu coração” (JOBIM, 1972).

O morro do Corcovado, onde habita a estátua do Cristo Redentor, talvez o maior símbolo de representatividade da imagem do Brasil para o mundo, é outro ponto geográfico da cidade que serviu de inspiração e foi de sublime importância, além de grande influência na criação de algumas obras, dentre elas “Corcovado”, que diz: “Muita calma pra pensar / E ter tempo pra sonhar / Da janela vê-se o Corcovado / O Redentor que lindo” (JOBIM, 1960).

Ao retornar de uma viagem ao exterior Tom Jobim escreveu a canção “Samba do avião”, que retrata a saudade propiciada por uma longa ausência e que fora escrita como uma declaração de amor ao cenário, dizendo: “Vejo o Rio de Janeiro / Estou morrendo de saudades / Rio, céu, mar / Praia sem fim / Rio, você foi feito pra mim / Cristo Redentor / Braços abertos sobre a Guanabara” (JOBIM, 1962).

Na canção intitulada “Ela é carioca”, escrita por Tom Jobim em parceria com Vinícius de Moraes, são contempladas suas observações e paixões pessoais em uma metáfora com as belezas da cidade, dizendo: “Ela é carioca / Basta o jeitinho dela andar / Nem ninguém tem carinho assim para dar / Eu vejo na cor dos seus olhos / As noites do Rio ao luar / Vejo a mesma luz / Vejo o mesmo céu / Vejo o mesmo mar” (JOBIM; MORAES, 1963).

O mesmo pode ser observado na canção intitulada “Fotografia” de Tom Jobim, dizendo: “Aqui neste terraço à beira-mar / O sol já vai caindo e o seu olhar / Parece acompanhar a cor do mar / Você tem que ir embora / A tarde cai / Em cores se desfaz / Escureceu / O sol caiu no mar / E aquela luz / Lá em baixo se acendeu” (JOBIM, 1959).

“Teresa da praia” é outra das obras que combinam o cenário da cidade com as relações interpessoais, onde Tom Jobim e Billy Blando disseram: “Arranjei novo amor no Leblon /... Que amor de pequena, amar é tão bom / É a minha Tereza da praia /... O verão passou todo comigo / ... Aos beijos do sol / E abraços do mar” (JOBIM; BLANCO, 1954).

Marcos Valle, nascido no Rio de Janeiro em 1943, é outro grande compositor brasileiro que colheu muita inspiração nos cenários de sua cidade natal. Em seu grande número de composições, podemos destacar a famosa “Samba de verão”, composta em parceria com seu irmão Paulo Sérgio Valle¹, que diz: “Ela vem sempre, tem esse mar no olhar” (VALLE; VALLE, 1964), na referência habitual dos autores de Bossa Nova ao fazer uma metáfora do cenário paisagístico com a beleza dos seres. Em outro exemplo, “Vamos pranchar”, ele diz: “Leva essa prancha pro mar /... Vamos entrar na Sá Onda / Vamos descer de Sá Onda / Leva essa prancha pro mar / Pegue no balanço na Sá Onda /... Vamos gingar na areia / Você, garoto de areia” (VALLE, 1964).

¹ Paulo Sérgio Valle – Compositor brasileiro

Além da clássica “A resposta”, onde fica clara a principal inspiração do autor: “Se alguém disser /Que teu samba /Não tem mais valor /Porque ele é feito /Somente de paz e de amor /Não ligue não /...O samba pode /Ser feito de céu e de mar” (VALLE, 1965).

A diminuição no ritmo de produção das composições da Bossa Nova ocorreu na segunda metade da década de 1960. Tom Jobim e João Gilberto passaram a viver nos Estados Unidos, Vinícius de Moraes, que também exercia um cargo no Itamarati, fora realocado para Paris e após o Golpe Militar de 1964, surgiram outros autores e autoras que passaram a se utilizar da arte para exercer seus protestos. Houve então, uma profunda mudança na forma de compor e principalmente no conteúdo das letras, as quais passaram a ter uma conotação mais política e menos romântica. Os artistas fundadores da Bossa Nova foram cada vez mais, ampliando seus horizontes para outros países e, com essas mudanças em curso, o final do ciclo se anunciara. Outros nomes surgiram e novos estilos nasceram, como a MPB (Música Popular Brasileira), cujos expoentes seriam Elis Regina¹, Chico Buarque², Caetano Veloso³, Gilberto Gil⁴, entre outros e a Jovem Guarda⁵, contemplando nomes como Roberto Carlos⁶ e Erasmo Carlos⁷.

Em uma de suas últimas composições escritas para a Bossa Nova, Jobim retrata sua ânsia em retornar ao Rio de Janeiro. Para essa música, “...Tom pediu a Chico Buarque (então cunhado de João Gilberto e “sobrinho” da Bossa Nova), em 1968, que lhe pusesse letra numa canção chamada Gávea. Chico transformou-a em Sabiá” (CASTRO, 1991, p. 409). A canção faz referência ao bairro da Gávea e diz: “Vou voltar / Sei que ainda vou voltar / Para o meu lugar / Foi lá e é ainda lá” (JOBIM; BUARQUE, 1968)

3 METODOLOGIA

¹ Elis Regina – Cantora brasileira

² Chico Buarque – Cantor e compositor brasileiro

³ Caetano Veloso – Cantor e compositor brasileiro

⁴ Gilberto Gil – Cantor, compositor e violonista brasileiro

⁵ Movimento Cultural e musical brasileiro que ocorreu na segunda metade da década de 1960.

⁶ Roberto Carlos – Cantor e compositor brasileiro

⁷ Erasmo Carlos – Cantor e compositor brasileiro

A finalidade da pesquisa foi relacionar os aspectos geográficos da cidade do Rio de Janeiro, principalmente o espaço geográfico e a paisagem, com a inspiração causada por esses elementos nos atores envolvidos. Para tanto, o método utilizado foi o da pesquisa bibliográfica, que constitui a base metodológica do presente trabalho. Algumas evidências puderam ser observadas e, dentre elas, o principal produto se concretizou nos dizeres das letras de diversas canções e suas relações com a beleza natural do cenário e com as características geográficas. A principal fonte da pesquisa que relacionou os compositores e compositoras às suas inspirações foi RUY CASTRO, e seu livro “A história e as histórias da Bossa Nova”, em edição de 1990. Essa foi a principal base para a obtenção dos dados referentes aos artistas e suas vidas, na conjuntura de um elemento social e interpessoal em uma abordagem relacionada ao aspecto artístico e histórico das composições. A principal fonte para a fundamentação teórica relacionada à Geografia Cultural foi MARCIA SILVA, com a obra Geografia Cultural: Caminhos e Perspectivas (2019), cujos estudos da Geografia Cultural e sua influência nas sociedades se tornaram o elo para o cruzamento dos dados das obras dos artistas com os conceitos geográficos nessa pesquisa.

Na pesquisa bibliográfica, além de (CASTRO, 1990 e SILVA, 2019), conceitos fundamentais da ciência geográfica embasaram essa pesquisa, dentre eles SANTOS, M. (2006) e GARBOSSA, R. e SILVA, R. (2016).

A abordagem qualitativa utilizada no presente trabalho teve por princípio a coleta de informações relacionadas às inspirações que levaram os compositores a escrever sobre aqueles tópicos específicos e, ao utilizar os relatos dos próprios autores, foi possível compreender e interpretar seus comportamentos, percepções e sentimentos em relação à Geografia da cidade.

A principal técnica abordada foi a análise documental dos fatos ocorridos no meio musical e o cruzamento dessas informações com o embasamento teórico dos conceitos geográficos utilizados. As biografias oficiais de alguns personagens retratados no trabalho foram de grande valia para confirmar as situações estudadas. Já a fundamentação teórica foi obtida através de consulta bibliográfica a diversos títulos de vários autores que escreveram sobre o tema.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível concluir que o avanço nas pesquisas e a consolidação da Geografia Cultural como viés de estudo são de extrema importância para completar o entendimento das sociedades em geral. A formação geológica, geográfica, e o estudo do ecossistema onde habitamos, até o impacto exercido pelos hábitos culturais tiveram papel importante na contínua construção das artes, da paisagem e do espaço geográfico. No caso da Bossa Nova, ficou evidente a influência dos aspectos supracitados. Ficou claro também, a diferença entre os conceitos de Espaço Geográfico e Paisagem, onde a Paisagem é uma manifestação ou expressão do Espaço Geográfico.

Na forma alternativa de se contar a história através da arte, levando-se em consideração importantes aspectos da Geografia Cultural, consegue-se entender parte do retrato social da época, sua interação com a natureza e até os problemas que já eram causados pela falta de planejamento urbano e pelas diferenças sociais. A percepção pessoal de cada indivíduo e como se interpretam as situações e seus entendimentos e registros também colaboraram para o entendimento do tema.

Procurou-se com essa pesquisa, brevemente retratar a formação geológica da cidade do Rio de Janeiro, seu explorado bioma de Mata Atlântica, aspectos climáticos do dia a dia da cidade e como esses elementos, em associação com as conjunturas sociais do momento, influenciaram os compositores e intérpretes que fundaram um dos maiores estilos musicais brasileiros. A especificidade das características geográficas e sociais já descritas, acaba por embasar esse entendimento. Já com relação à espacialidade, quando as pessoas atuam em determinado espaço e ali demarcam suas identidades, suas ações e movimentações se constata de forma clara. Observou-se que diferentes indivíduos têm distintas experiências emocionais e sensitivas no Espaço, que se baseiam nos cinco sentidos, e sendo assim, atrelando-se as emoções às interpretações desses fatores sob a percepção dos artistas, proporcionou-se não apenas o registro musical e o retrato daquela realidade mas a criação do inédito estilo musical. A relação, portanto, das belezas cênicas da cidade com a inspiração por ela ocasionada, foi constatada. Entendeu-se também, como a Paisagem Cultural teve papel relevante nessa construção. Especificamente no Brasil, por seu tamanho continental, as características geográficas relacionadas

ao clima, ao relevo, solo, vegetação e seus respectivos conjuntos de flora e fauna, além dos mais diversos aspectos sociais, constituem uma gama infinita de possibilidades de registro de criação de obras de arte, sejam elas relacionadas à música, à literatura ou à pintura. Se constitui assim, um tesouro cultural passível de ser estudado e entendido.

REFERÊNCIAS

SANTOS, M. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

CASTRO, R. **Chega de saudade: A história e as histórias da Bossa Nova**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SILVA, M. **Geografia Cultural: caminhos e perspectivas**. Curitiba: Intersaberes, 2019.

MUSEU DO AMANHÃ. **Conheça a história da primeira favela do Rio de Janeiro**. Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/pt-br/conheca-a-historia-da-primeira-favela-do-rio-de-janeiro>. Acesso em 22 de outubro de 2020.

BELTRÃO, K e NOVELLINO, M. **Alfabetização por raça e sexo no Brasil: Evolução no período 1940-2000**. IBGE, Ministério do Planejamento, Orçamento e gestão, Escola Nacional de Ciências Estatísticas. Rio de Janeiro, 2002.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Brasil: 500 anos de povoamento**. Rio de Janeiro, 2000

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Mata Atlântica**. Disponível em: https://www.mma.gov.br/biomas/mata-atl%C3%A2ntica_emdesenvolvimento. Acesso em 20 de outubro de 2020.

EBC – EMPRESA BRASILEIRA DE COMUNICAÇÃO. **Rádios MEC e Nacional**. Disponível em: <https://www.ebc.com.br/veiculos/radio-mec-nacional>. Acesso em 20 de outubro de 2020.

ECAD – ESCRITÓRIO CENTRAL DE ARRECADAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO. **Top 5 Tom Jobim**. Disponível em: <https://www3.ecad.org.br/em-pauta/Paginas/Top-5-Tom-Jobim.aspx>. Acesso em 23 de outubro de 2020.

VINÍCIUS DE MORAES. **Vida**. Disponível em: <http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/vida>. Acesso em 20 de outubro de 2020.

INSTITUTO ANTÔNIO CARLOS JOBIM. **Linha do tempo**. Disponível em: <http://portal.jobim.org/jobim/cronologia>. Acesso em 20 de outubro de 2020.

- DANTAS, M. **Geomorfologia do Estado do Rio de Janeiro**. Brasília: CPRM, 2000.
- ZAVATINI, J.A. **Estudos do clima no Brasil**. Campinas: Alínea, 2004.
- BASTOS, J. e NAPOLEÃO, P. **O Estado do meio ambiente – Indicadores Ambientais do Rio de Janeiro**. INEA Instituto Estadual do Meio Ambiente. Rio de Janeiro, 2010.
- GOULART, A.A. **Introdução à climatologia**. Curitiba: Intersaberes, 2008
- GARBOSSA, R.A. e SILVA, R.S. **O processo de produção do espaço urbano – impactos e desafios de uma nova urbanização**. Curitiba: Intersaberes, 2016.
- ROLNIK, R. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1988 (Coleção Primeiros Passos, n. 203)
- NETO, E. S. e MALANSKI, L.M. **Território, Cultura e Representação**. Curitiba: Intersaberes, 2016
- CLAVAL, P. **A geografia cultural: o estado da arte**. In: CORRÊA, RL.; ROSENDHAL, Z. Manifestações da cultura no espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999a. P. 59-98.
- SILVA, L e CUNHA, H. **Geologia do Estado do Rio de Janeiro**. Ministério de Minas e Energia, CPRM – Serviço Geológico do Brasil. Brasília, 2001
- MENESCAL, Roberto; BÔSCOLI, Ronaldo. **O barquinho**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/roberto-menescal/757877/>. Acesso em 05 de outubro de 2020.
- JOBIM, Tom. **Águas de março**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/tom-jobim/49022/>. Acesso em 05 de outubro de 2020.
- JOBIM, Tom. **Corcovado**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/tom-jobim/49031/>. Acesso em 05 de outubro de 2020.
- JOBIM, Tom. **Samba do avião**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/tom-jobim/49065/>. Acesso em 05 de outubro de 2020.
- JOBIM, Tom; MORAES, Vinícius. **Ela é carioca**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/tom-jobim/49036/>. Acesso em 05 de outubro de 2020.
- JOBIM, Tom. **Fotografia**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/tom-jobim/49043/>. Acesso em 05 de outubro de 2020.
- JOBIM Tom; BLANCO, Billy. **Teresa da praia**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/tom-jobim/49071/>. Acesso em 05 de outubro de 2020.
- VALLE, Marcos; VALLE, Paulo. **Vamos pranchar**. Disponível em: <https://l-hit.com/pt/104924>. Acesso em 05 de outubro de 2020.

VALLE, Marcos; VALLE, Paulo. **A resposta.** Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/marcos-valle/a-resposta.html>. Acesso em 05 de outubro de 2020.

VELLE, Marcos; VVALLE, Paulo. **Samba de verão.** Disponível em: <https://www.letras.mus.br/marcos-valle/435389/>. Acesso em 05 de outubro de 2020.

JOBIM, Tom; BUARQUE, Chico. **Sabiá.** Disponível em: <https://www.letras.mus.br/tom-jobim/86267/>. Acesso em 05 de outubro de 2020.

APÊNDICES

Letras completas das canções citadas ao longo do texto.

Chega de saudade (Tom Jobim e Vinícius de Moraes – 1956)

Vai, minha tristeza
E diz a ela que sem ela não pode ser
Diz-lhe numa prece
Que ela regresse
Porque eu não posso mais sofrer

Chega de saudade
A realidade é que sem ela não há paz
Não há beleza
É só tristeza e a melancolia
Que não sai de mim, não sai de mim, não sai

Mas, se ela voltar
Que coisa linda, que coisa louca
Pois há menos peixinhos a nadar no mar
Do que os beijinhos que eu darei na sua boca

Dentro dos meus braços
Os abraços não de ser milhões de abraços
Apertado assim, colado assim, calado assim

Abraços e beijinhos, e carinhos sem ter fim
Que é pra acabar com esse negócio de você viver sem mim

Não há paz
Não há beleza
É só tristeza e a melancolia
Que não sai de mim, não sai de mim, não sai

Dentro dos meus braços
Os abraços hão de ser milhões de abraços
Apertado assim, colado assim, calado assim
Abraços e beijinhos, e carinhos sem ter fim
Que é pra acabar com esse negócio de você viver sem mim

Não quero mais esse negócio de você longe de mim
Vamos deixar desse negócio de você viver sem mim

Eu sei que vou te amar (Tom Jobim e Vinícius de Moraes – 1958)

Eu sei que vou te amar
Por toda a minha vida eu vou te amar
Em cada despedida eu vou te amar
Desesperadamente, eu sei que vou te amar

E cada verso meu será
Pra te dizer que eu sei que vou te amar
Por toda minha vida

Eu sei que vou chorar
A cada ausência tua eu vou chorar
Mas cada volta tua há de apagar
O que esta ausência tua me causou

Eu sei que vou sofrer a eterna desventura de viver
A espera de viver ao lado teu
Por toda a minha vida

Sinfonia do Rio de Janeiro (Tom Jobim e Billy Blanco - 1954)

Abertura (Dick Farney e coro)
Rio de Janeiro
Que eu sempre hei de amar
Rio de Janeiro
A montanha, o Sol, o mar
Festival de beleza
Natureza sem par
Rio de Janeiro
Que eu sempre hei de amar...
Hino Ao Sol (Dick Farney)
Eu quero morrer num dia de Sol
Na plenitude da vida
Tão bela e querida
Que acaba amanhã, amanhã
Quem sabe eu voltarei outra vez
Num raio claro de sol
Num pingo de chuva
Que cai de manhã
No meu Rio
Coisas do Dia (Os Cariocas)
Sete horas, quanta gente
Vai à rua procurando
ônibus, trem
Não vem o lotação
Atrasado pro trabalho

Resultado: confusão
Segue o dia, sol bem quente
Derretendo toda a gente
Calor, calor!
Não posso trabalhar
Com licença, um momentinho
Vou tomar um cafezinho
Cafezinho, cafezinho, cafezinho!
Matei-me No Trabalho (Gilberto Milfont)
Que dia de canseira
Matei-me no trabalho
Vou espairecer
Na gafeira ou no baralho
Talvez com este Sol
Eu vá ao futebol
Porém o céu azul
É um convite à zona sul
O Mengo vai perder
Não vou ao futebol
Lutei semana inteira
Quero o meu lugar ao Sol
Um bom fim de semana
Será Copacabana
Eu quero visitar
Um morador chamado mar
Zona Sul (Elizeth Cardoso)
O mar, o sol e o céu azul
Me obrigam a procurar
A zona sul
Copacabana sempre cheia
Não há lugar naquele
Mundo de areia
Eu vou correr para o Leblon

Ou fico em Ipanema
Que também é bom
Se eu encontrar por aí
Algum amor
Vou me esconder no Arpoador
Arpoador (Lúcio Alves)
Arpoador, meu cantinho de areia
O cartão de visita da zona sul
Convidando a sereia
Arpoador, meu recanto encantado
Onde eu deixo de lado
As mágoas do amor
Com outro amor ao lado
Sol, que ilumina meu Rio de Janeiro
Beijando a mais bela mulher do país
Guardou pra você o olhar derradeiro
E ao descer no horizonte ele morre feliz
Noites do Rio (Dóris Monteiro e Os Cariocas)
Quando a noite desce
Uma lua vem sempre espiar
O namoro da praia
Com as ondas do mar
Copacabana que desperta
Banco de praia sem lugar
Canta a canção
Que a noite convida a cantar
Noites do Rio, perto do mar
É uma boate ou é um bar
Um Cadillac, um picolé
Ou um cinema, passeio a pé
Se estou com frio, entro num bar
Se faz calor, entro num bar
A noite acaba, grande criança

Vem novo dia, nova esperança
O Mar (Elizeth Cardoso e Dick Farney)
O mar, quanto tempo esperou
A cidade crescer
O mar, quanto tempo esperou
A cidade chegar
Um dia rasgaram a montanha
O túnel do Leme se abriu
O mar recuou gentilmente
E o bairro bonito surgiu
Copacabana, cidade menina
Onde o mar, o mais velho
Habitante da areia
O mais íntimo amigo
De tanta sereia
Zangado no inverno
Pois é desprezado
E tão sossegado
Durante o verão
O mar na mudez barulhenta
Não quer solidão
A Montanha (Emilinha Borba)
No alto, bem alto, tão alto
Pertinho do sol
Que ilumina este mar
Mantendo a seus pés a beleza
Sua grande riqueza
É luz do olhar
Quem é que não
Perde a esperança
No dia melhor, o eterno amanhã
Os morros, os morros do Rio de Janeiro
Favela, Mangueira e Salgueiro

O Morro (Nora Ney)
Morro, eu conheço a tua história
Um passado que é só glória
Mesmo sem orquestração
Morro, da desforra e da intriga
Até mesmo numa briga
Vais buscar inspiração
Morro, se na roupa és mal vestido
Deus te fez o escolhido
Pra fazer samba melhor
O morro, bem distante do pó da cidade
Onde samba é Brasil de verdade
E o progresso ainda não corrompeu
O morro, onde o dono de todo barraco
É forte no samba, o samba é seu fraco
Um samba tão bom que a cidade esqueceu
Quando a tristeza do morro
Consegue descer
Contando o seu mal
O pranto nos é ofertado
Na forma bonita do seu carnaval
Descendo o Morro (Jorge Goulart)
Dá licença meu senhor
Dá licença de passar
O samba que é verdadeiro
Que nasce no alto
Que desce do morro
Pra vir no asfalto
Chorar tanta dor
Ai, ai, ai
Lá, lá, rá, lá, lá
Meu senhor
Quando fizer calor

Não reze pra chover
Por caridade
Barracão não conhece cobertor
E dentro dele chove de verdade
O Samba de Amanhã (Dick Farney)
Com este sol, a montanha e o mar
Encontrei três razões de beleza da vida
Que acaba amanhã
Depois de ver, de sentir e amar
Não importa morrer
Pois pra mim só o fim é depois
Do Rio de Janeiro
Meu eterno e belo

Garota de Ipanema (Tom Jobim e Vinícius de Moraes – 1962)

Olha que coisa mais linda
Mais cheia de graça
É ela menina
Que vem e que passa
Num doce balanço
Caminho do mar

Moça do corpo dourado
Do Sol de Ipanema
O seu balançado
É mais que um poema
É a coisa mais linda
Que eu já vi passar

Ah, por que estou tão sozinho?
Ah, por que tudo é tão triste?
Ah, a beleza que existe

A beleza que não é só minha
Que também passa sozinha

Ah, se ela soubesse
Que quando ela passa
O mundo, sorrindo
Se enche de graça
E fica mais lindo
Por causa do amor

Nós e o mar (Roberto Menescal - 1962)

Lá se vai mais um dia assim
E a vontade que não tenha fim
Esse sol
E viver, ver chegar ao fim
Essa onda que cresceu morreu
A seus pés
E olhar
Pro céu que é tão bonito
E olhar
Pra esse olhar perdido nesse mar azul
Uma onda nasceu
Calma desceu sorrindo
Lá vem vindo
Lá se vai mais um dia assim
Nossa praia que não tem mais fim
Acabou
Vai subindo uma lua assim
E a camélia que flutua nua no céu

Rio (Roberto Menescal e Ronaldo Bôscoli - 1965)

Rio que mora no mar
Sorrio pro meu Rio
Que tem no seu mar
Lindas flores que nascem morenas
Em jardins de sol
Rio, serras de veludo
Sorrio pro meu Rio
Que sorri de tudo
Que é dourado quase todo dia
E alegre como a luz
Rio é mar, eterno se fazer amar
O meu Rio é lua
Amiga branca e nua
É sol, é sal, é sul
São mãos se descobrindo em todo azul
Por isso é que meu Rio da mulher beleza
Acaba num instante com qualquer tristeza
Meu Rio que não dorme porque não se cansa
Meu Rio que balança
Sou Rio, sorrio
Sou Rio, sorrio
Sou Rio, sorrio
Sou Rio, sorrio
Sou Rio, sorrio

Ah!, se eu pudesse (Roberto Menescal e Ronaldo Bôscoli - 1962)

Ah!, se eu pudesse te buscar sorrindo
E lindo fosse o dia, como um dia foi
E indo nesse lindo, feito para nós dois
Pisando nisso tudo que se fez canção
Ah!, se eu pudesse te mostrar as flores

Que cantam suas cores para a manhã que nasce
Que cheiram no caminho quem falasse
As coisas mais bonitas para a manhã de sol
Ah!, se eu pudesse, no fim do caminho
Achar nosso barquinho e levá-lo ao mar
Ah!, se eu pudesse tanta poesia
Ah!, se eu pudesse, sempre, aquele dia

Ah!, se eu pudesse te encontrar serena
Eu juro, pegaria sua mão pequena
E juntos vendo o mar
Dizendo aquilo tudo, quase sem falar

Mar amar (Roberto Menescal - 1962)

Se não vem, deixa alguém vir comigo
Se não vem, não faz mal, mas eu vou
Sol nascendo lá no mar
Bem pertinho de chegar
E a vontade de voltar ao meu verão
Se não vem, deixa alguém vir comigo
Se não vem, não faz mal, mas eu vou
Mas você longe assim vai se lembrar
Do mar que nos lembrou amar
Bem me faz se o sol já brilha lá no fim da nossa ilha
Lá só tem meu amor
Que bom que eu tenho onde sonhar
Pra voltar feliz, eu vou pra lá
Se não vem, deixa alguém vir comigo
Se não vem, não faz mal, mas eu vou
Mas você longe assim vai se lembrar
Do mar que nos lembrou amar

A morte de um Deus sal (Ronaldo Bôscoli - 1963)

Fim, morreu João, João do mar.
Deus quem quis levar, que levou pro fim,
Um deus do mar, que outro Deus matou,
Que pescar, pescou, mas que não voltou...

Amanheceu e o azul do mar trouxe, então,
Um deus de sal, com um peixe na mão.
Ela entendeu, olhou João e o abraçou,
E nos seus olhos o sol mais brilhou...
Dizem que um peixe de prata,
Brigou demais pra não morrer, e então,
João lutou, barco virou, mar levou.
Mar pra João, era irmão, era céu, era o pão...
Dizem que um peixe de prata,
Brigou demais pra não morrer, e então,
João lutou, barco virou, mar levou.
Mar pra João, era irmão, era céu, era o pão...
Fim, morreu João, João do mar,
Deus quem quis levar, quem levou pro fim...
Um deus do mar, que outro Deus matou,
Que pescar pescou, mas que não voltou...
Amanheceu e o azul do mar trouxe, então,
Um deus de sal, com um peixe na mão.
Ela entendeu, olhou João e o abraçou,
E nos seus olhos o sol mais brilhou...

O barquinho (Roberto Menescal e Ronaldo Bôscoli - 1961)

Dia de luz, festa de sol
E o barquinho a deslizar
No macio azul do mar

Tudo é verão, o amor se faz
No barquinho pelo mar
Que desliza sem parar
Sem intenção, nossa canção
Vai saindo desse mar
E o sol
Beija o barco e luz
Dias tão azuis
Volta do mar, desmaia o sol
E o barquinho a deslizar
E a vontade de cantar
Céu tão azul, ilhas do sul
E o barquinho, coração
Deslizando na canção
Tudo isso é paz
Tudo isso traz
Uma calma de verão
E então
O barquinho vai
E a tardinha cai

Águas de março (Tom Jobim - 1972)

É o pau, é a pedra, é o fim do caminho
É um resto de toco, é um pouco sozinho
É um caco de vidro, é a vida, é o sol
É a noite, é a morte, é um laço, é o anzol
É peroba no campo, é o nó da madeira
Caingá candeia, é o matita-pereira
É madeira de vento, tombo da ribanceira
É o mistério profundo, é o queira ou não queira
É o vento vetando, é o fim da ladeira
É a viga, é o vão, festa da ciumeira

É a chuva chovendo, é conversa ribeira
Das águas de março, é o fim da canseira
É o pé, é o chão, é a marcha estradeira
Passarinho na mão, pedra de a tiradeira
É uma ave no céu, é uma ave no chão
É um regato, é uma fonte, é um pedaço de pão
É o fundo do poço, é o fim do caminho
No rosto um desgosto, é um pouco sozinho
É um estepe, é um prego, é uma conta, é um conto
É um pingo pingando, é uma conta, é um ponto
É um peixe, é um gesto, é uma prata brilhando
É a luz da manhã, é o tijolo chegando
É a lenha, é o dia, é o fim da picada
É a garrafa de cana, o estilhaço na estrada
É o projeto da casa, é o corpo na cama
É o carro enguiçado, é a lama, é a lama
É um passo, é uma ponte, é um sapo, é uma rã
É um resto de mato na luz da manhã
São as águas de março fechando o verão
É a promessa de vida no teu coração
É uma cobra, é um pau, é João, é José
É um espinho na mão, é um corte no pé
São as águas de março fechando o verão
É a promessa de vida no teu coração
É pau, é pedra, é o fim do caminho
É um resto de toco, é um pouco sozinho
É um passo, é uma ponte, é um sapo, é uma rã
É um belo horizonte, é uma febre terça
São as águas de março fechando o verão
É a promessa de vida no teu coração
Pau, erda
Im, inho
Esto, oco

Oco, inho
Aco, idro
Ida, ol
Oite, orte
Aço, zol
São as águas de março fechando o verão
É a promessa de vida no teu coração

Corcovado (Tom Jobim - 1960)

Um cantinho, um violão
Esse amor, uma canção
Pra fazer feliz
A quem se ama
Muita calma pra pensar
E ter tempo pra sonhar
Da janela vê-se o Corcovado
O Redentor, que lindo
Quero a vida sempre assim
Com você perto de mim
Até o apagar da velha chama
E eu, que era triste
Descrente desse mundo
Ao encontrar você eu conheci
O que é felicidade, meu amor
Quero a vida sempre assim
Com você perto de mim
Até o apagar da velha chama
E eu, que era triste
Descrente desse mundo
Ao encontrar você eu conheci
O que é a felicidade, meu amor

Samba do avião (Tom Jobim - 1962)

Eparrê
Aroeira beira de mar
Canôa Salve Deus e Tiago e Humaitá
Eta, costão de pedra dos home brabo do mar
Eh, Xangô, vê se me ajuda a chegar
Minha alma canta
Vejo o Rio de Janeiro
Estou morrendo de saudades
Rio, céu, mar
Praia sem fim
Rio, você foi feito pra mim
Cristo Redentor
Braços abertos sobre a Guanabara
Este samba é só porque
Rio, eu gosto de você
A morena vai sambar
Seu corpo todo balançar
Rio de sol, de céu, de mar
Dentro de mais um minuto estaremos no Galeão
Copacabana, Copacabana
Cristo Redentor
Braços abertos sobre a Guanabara
Este samba é só porque
Rio, eu gosto de você
A morena vai sambar
Seu corpo todo balançar
Rio de sol, de céu, de mar
Água brilhando, olha a pista chegando
E vamos nós

Pousar

Ela é carioca (Tom Jobim e Vinícius de Moraes - 1963)

Ela é carioca
Ela é carioca
Basta o jeitinho dela andar
Nem ninguém tem carinho assim para dar
Eu vejo na luz dos seus olhos (na cor dos seus olhos)
As noites do Rio ao luar
Vejo a mesma luz
Vejo o mesmo céu
Vejo o mesmo mar
Ela é meu amor, só me vê a mim
A mim que vivi para encontrar
Na luz do seu olhar
A paz que sonhei
Só sei que sou louco por ela
E pra mim ela é linda demais
E além do mais
Ela é carioca
Ela é carioca
Só sei que sou louco por ela
E pra mim ela é linda demais
E além do mais
Ela é carioca
Ela é carioca

Fotografia (Tom Jobim - 1959)

Eu, você, nós dois
Aqui neste terraço à beira-mar
O sol já vai caindo e o seu olhar
Parece acompanhar a cor do mar

Você tem que ir embora
A tarde cai
Em cores se desfaz,
Escureceu
O sol caiu no mar
E aquela luz
Lá em baixo se acendeu...
Você e eu
Eu, você, nós dois
Sozinhos neste bar à meia-luz
E uma grande lua saiu do mar
Parece que este bar já vai fechar
E há sempre uma canção
Para contar
Aquela velha história
De um desejo
Que todas as canções
Têm pra contar
E veio aquele beijo
Aquele beijo
Aquele beijo

Teresa da praia (Tom Jobim e Billy Blanco - 1954)

- Lúcio!
Arranjei novo amor no Leblon
Que corpo bonito, que pele morena
Que amor de pequena, amar é tão bom!
- O Dick!
Ela tem um nariz levantado?
Os olhos verdinhos bastante puxados,
Cabelo castanho e uma pinta do lado?

- É a minha Teresa da praia!
- Se ela é tua é minha também
- O verão passou todo comigo
- O inverno pergunta com quem
- Então vamos a Teresa na praia deixar
Aos beijos do sol e abraços do mar
Teresa é da praia, não é de ninguém
- Não pode ser tua,
- Nem tua também
- Teresa é da praia,
Não é de ninguém

Samba de verão (Marcos Valle - 1964)

Você viu só que amor nunca vi coisa assim
E passou nem parou mas olhou só pra mim
Se voltar vou atrás vou pedir vou falar
Vou dizer que o amor foi feitinho pra dar
Olha é como o verão, quente o coração
Salta de repente para ver a menina que vem
Ela vem sempre tem esse mar no olhar
E vai ver tem que ser nunca tem quem amar
Hoje sim diz que sim já cansei de esperar
Nem parei nem dormi só pensando em me dar
Peço mas você não vem bem
Deixo então falo só digo ao céu mas você vem

Vamos pranchar (Marcos Valle e Paulo Sérgio Valle - 1964)

Leva essa prancha pro mar.
Vem, vem,
Vamos entrar na Sá Onda,

Vamos descer de Sá Onda,
Leva essa prancha pro mar.
Ninguém, ninguém.
Não, não,
Você não deve ter medo,
Veja que não tem segredo,
É doce equilibrar.
(Ninguém, ninguém)
Vem você subindo como é lindo
Que é fácil ter
Pegue no balanço na Sá Onda
Pra ficar no pé.
Vem comigo,
Vem, vem,
Vamos gingar na areia,
Você, garoto de areia,
Vamos comigo pranchar!
(Ninguém, ninguém)
Vem você subindo como é lindo
Que é fácil ter
Pegue no balanço na Sá Onda
Pra ficar no pé.
Vem comigo,
Vem, vem,
Vamos gingar na areia,
Você, garoto de areia,
Vamos comigo pranchar!
(Ninguém, ninguém)

A resposta (Marcos Valle e Paulo Sérgio Valle - 1965)

Se alguém disser que teu samba não tem mais valor
Porque ele é feito somente de paz e de amor

Não ligue, não
Que essa gente não sabe o que diz
Não pode entender quando um samba é feliz
O samba pode ser feito de sol e de mar
O samba bom é aquele que o povo cantar
De fome basta a que o povo na vida já tem
Pra que lhe fazer cantar isso também?
Mas é que é tempo de ser diferente
E essa gente não quer mais saber de amor
Falar de terra na areia do Arpoador
Quem pelo pobre na vida não faz-lhe favor
Falar de morro morando de frente pro mar
Não vai fazer ninguém melhorar
Mas é que é tempo de ser diferente
E essa gente não quer mais saber de amor
Falar de terra na areia do Arpoador
Quem pelo pobre na vida não faz-lhe favor
Falar de morro morando de frente pro mar
Não vai fazer ninguém melhorar

Sabiá (Tom Jobim e Chico Buarque - 1968)

Vou voltar
Sei que ainda vou voltar
Para o meu lugar
Foi lá e é ainda lá
Que eu hei de ouvir cantar
Um sabiá
Vou voltar
Sei que ainda vou voltar
Vou deitar à sombra
De uma palmeira
Que já não há

Colher a flor
Que já não dá
E algum amor
Talvez possa espantar
As noites que eu não queria
E anunciar o dia
Vou voltar
Sei que ainda vou voltar
Não vai ser em vão
Que fiz tantos planos
De me enganar
Como fiz enganos
De me encontrar
Como fiz estradas
De me perder
Fiz de tudo e nada
De te esquecer

Insensatez (Tom Jobim e Vinícius de Moraes - 1961)

A insensatez que você fez
Coração mais sem cuidado
Fez chorar de dor
O meu amor
Um amor tão delicado

Ah, por que você foi fraco assim?
Assim tão desalmado
Ah, meu coração quem nunca amou
Não merece ser amado

Vai meu coração ouve a razão
Usa só sinceridade
Quem semeia vento, diz a razão

Colhe sempre tempestade
Vai, meu coração pede perdão
Perdão apaixonado
Vai porque quem não
Pede perdão
Não é nunca perdoado